

Tempo e espaço na cultura japonesa, **de Shuichi Kato**

São Paulo: Estação Liberdade, 2012

Ana Maria Haddad Baptista

Mestra e doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP;

Pós-doutora em História da Ciência – PUC/SP;

Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação/Educação Uninove.

professoraanahb@gmail.com

Tempo e espaço são categorias que têm sido abordadas sob diversos graus e perspectivas. Multiplicidade, estratos, alcance e outras questões, de alguma maneira, têm sido alvo de filósofos, escritores, poetas, cineastas, biólogos e outros.

Afinal... o que vem a ser o tempo? O tempo existe? Possui uma materialidade minimamente palpável como desejam comprovar os físicos? O tempo seria uma ilusão, como certa vez chegou a cogitar Einstein? O tempo sempre existiu ou seria apenas uma projeção subjetiva de nossas mentes? Os conceitos a respeito de temporalidade dependem da experiência ou seriam conceitos fabricados e criados por raciocínios abstratos? Quando se fala em tempo, quase que imediatamente, pensa-se, inclusive, em espaço, principalmente depois de Einstein.

Tempo e espaço na cultura japonesa, Shuichi Kato, da editora Estação Liberdade, originalmente escrito em japonês, foi traduzido para o português por Neide Nagae e Fernando Chamas. Traz, para nosso público, perspectivas de tempo e espaço bastante originais em relação aos livros que já temos em circulação.

Shuichi é um grande pensador, infelizmente, pouco conhecido no Ocidente e, em especial, no Brasil. Nasceu em Tóquio no ano de 1919 e morreu em 2008. Foi médico e teve sua vida inteira voltada para a pesquisa

e escrita. Trabalhou, ao longo de sua história, em diversas universidades, entre elas em universidades do Canadá e da Alemanha. A obra em referência é a primeira de sua autoria a ser traduzida para o Brasil.

Shuichi Kato faz uma espécie de tipologia a respeito das várias concepções de tempo existentes. Compara, por exemplo, o tempo judaico e o tempo dos gregos antigos. Nessa linha de pensamento, ressalta que o tempo judaico é o grande responsável pela consciência histórica da Europa moderna. Por quê? De acordo com o autor japonês o tempo judaico é concebido enquanto um transcorrer retilíneo e progressivo. “Nele, os acontecimentos ocorrem uma única vez, e o seu significado não é definido pela relação estabelecida com as condições daquele momento (presente), mas pela sua relação com os acontecimentos do passado e do futuro [...]” (p. 32).

Outro tipo de tempo ressaltado pelo autor é o tempo dos gregos antigos. Nessa medida, destaca a concepção de tempo cíclico. Ou seja, de acordo com os pensadores da Grécia antiga, tais como Platão e outros, a perspectiva de temporalidade era predominantemente cíclica. Em outras palavras: estava baseada no movimento dos astros. Um tempo, na verdade, subordinado aos astros e concebido enquanto uma categoria exterior ao homem. Nunca parece demais lembrar que as concepções de temporalidade subjazem a modelos de subjetividade. O tempo interior, interiorizado, somente foi possível a partir da Modernidade. Na verdade, o conceito cíclico de tempo, de acordo com o autor, foi um grande instrumento de medida de temporalidade.

O tempo enquanto uma categoria cíclica não foi uma exclusividade da Grécia Antiga. Na China Antiga também havia uma concepção de tempo cíclico. Contudo, o cíclico chinês era determinado pelo tempo histórico e não tinha relação com os movimentos dos corpos celestes como na Grécia Antiga. Na China Antiga o interesse estava muito mais concentrado na sociedade humana.

Na cultura japonesa antiga, segundo o autor, o tempo histórico foi considerado uma linha de temporalidade reta, todavia, sem começo e sem fim. O Japão teve diversas influências estrangeiras em sua cultura. Entre elas a religião cristã por intermédio dos jesuítas no final do século XVI. Entretanto, nenhuma das influências vindas do Ocidente ou de outras partes do mundo conseguiram modificar a consciência que domina até os

dias atuais na cultura japonesa. Isto é, de que o tempo é uma categoria sem começo e sem fim.

O tempo na cultura japonesa pode ser estruturado, em linha reta infinita, da seguinte forma: todos os acontecimentos nasceriam numa verdadeira sequência sobre uma linha reta do tempo. “A sucessão do presente = ‘agora’ de cada acontecimento não é outra coisa senão o tempo. A totalidade dos acontecimentos passados não é o que determina o significado do ‘agora’ diante do qual se está [...]” (p. 48). O autor nos explica que o fluir do tempo, o passar do tempo, em sua forma infinita dificilmente é captado e, na verdade, podemos apreender apenas o agora. Neste eixo as pessoas viveriam simplesmente o agora. Um segundo tipo de tempo refere-se a um tempo rotativo sem começo e sem fim. Ou seja, uma temporalidade centrada nas quatro estações do ano, mas sempre considerando que as estações do ano, assim como os ciclos agrícolas possuem especificidades orientais, muitas vezes, bastante diferentes das ocidentais. E coloca uma terceira concepção de tempo: “O tempo da vida é um fluir irreversível, e um mesmo acontecimento não ocorre duas vezes; a relação entre os acontecimentos é muito próxima e teoricamente pode ser até causal [...]” (p. 48).

Nessa medida, na cultura japonesa coexistiriam três modos de tempo diferentes. Ou seja, uma linha reta sem começo e sem fim=tempo histórico; o movimento cíclico sem começo e sem fim=tempo cotidiano; e o tempo universal da vida, que tem começo e fim. E todos os três tempos se voltam para a ênfase do viver no agora. O agora no viver da sociedade japonesa, antiga e atual centra-se, principalmente, no presente. Passado e futuro são dimensões que não afetam diretamente o agora que deve ser vivido de maneira intensa.

Na sequência da obra o autor aborda mais de perto as questões ligadas ao espaço. Afirma, entre outras considerações, que o espaço, na cultura japonesa, como um todo possui uma extensão infinita. Ou seja, diferentemente das maiorias das culturas, os japoneses, desde o Japão antigo, sentem-se numa parte do território japonês como se lá estivesse contido o mundo todo. Praticamente não há divisibilidade. As relações com a exterioridade espacial se dão num outro nível, em relação à maioria de outras culturas. Os japoneses sentem-se integrados com o todo, mesmo, apenas, integrando uma parte.

Algumas particularidades da língua nipônica somente reforçam a forma de ser da cultura japonesa. As línguas ocidentais, de um modo geral, conforme é sabido, possuem estruturas gramaticais diferenciadas. *Grosso modo*, as línguas ocidentais são consideradas muito mais abstratas em relação a outras, na maioria das vezes, orientais. O caso da língua japonesa – confirma o autor – seria um caso. Ela possui uma estrutura totalmente diferente das demais línguas. Uma das diferenças mais importantes reside justamente na questão dos tempos verbais. Na língua japonesa não existe, como na língua portuguesa, inglesa, alemã e outras ocidentais, a marcação dos tempos verbais presente, passado e futuro. Ou seja, enquanto nós temos os tempos e modos verbais flexionados, a língua japonesa marca os tempos verbais de uma outra forma, quase intuitiva.

“Se projetarmos a relação entre o detalhe e o todo no eixo do tempo, poderemos considerar o detalhe como cada ‘agora’ no fluir do tempo como um todo [...]” (p. 61). Prossegue o autor: “O significado de um acontecimento atual é autoconclusivo e, para compreendê-lo, nem sempre é necessário consultar os acontecimentos que o precederam ou sucederam, por exemplo [...]” (p. 62). Gramaticalmente os tempos verbais japoneses são regidos por morfemas gramaticais flexionáveis com sentidos específicos.

Nessa linha de pensamento, o autor destaca, brilhantemente, uma questão importante. Para as diversas formas de se pensar o mundo, de se pensar os conceitos, a gramática japonesa não se preocupa em refletir uma ordem de mundo que deveria situar todos os acontecimentos em um eixo temporal que se divide em presente, passado e futuro. A língua japonesa considera, acima de tudo, a reação do falante diante dos acontecimentos. Desta maneira, “[...] a memória traz os acontecimentos do passado para perto do estado psicológico presente do falante, e a previsão, os acontecimentos do futuro [...]” (p. 67). Tal concepção se traduz no seguinte efeito: a cultura japonesa valoriza muito mais o tempo subjetivo do que a sua objetividade. Na verdade, há uma espécie de convergência entre o passado, presente e o futuro.

Suichi Kato exemplifica com as narrações japonesas. Estas, de acordo com ele, trazem em si marcações temporais que independem de uma marcação explícita de presente, passado e futuro. O passado é indefinido, meio que indeterminado, como um todo, eis um conceito importante. O

passado visto como um todo aproximado, por exemplo, pela consciência do narrador.

A poesia, os poemas líricos em geral, refletem a mesma estrutura. “A característica formal do poema lírico da língua japonesa trata de uma forma poética extremamente curta que vem sendo usada por séculos [...]” (p. 84). O autor dá, inclusive, exemplos das músicas japonesas para reforçar como, sob várias dimensões, a visão de tempo e espaço convergem para o mesmo eixo. “Os músicos japoneses costumam considerar a pausa importante. Como bem se sabe, a pausa é o intervalo entre dois sons, a distância temporal, é o comprimento da duração e não do silêncio [...]” (p. 110). Desta forma, podemos pensar em uma estrutura que se liga ao fluir do tempo de uma composição musical, contudo, como um todo. Entretanto – alerta o autor japonês – tanto o timbre como a pausa ligam-se a partes do fluir, isto é, ao presente de cada momento.

Suichi Kato conclui várias coisas importantes que são verdadeiras particularidades da cultura japonesa e que se refletem nas relações diplomáticas do Japão: a mais destacada pelo autor refere-se às grandes mudanças às quais o Japão teve que se submeter depois das guerras. As mudanças tiveram um caráter emergencial, com base nos costumes dos imperialistas ocidentais, contudo, nem isso subtraiu o modo de ser dos japoneses, ou seja, uma cultura que diante das maiores adversidades sempre deixa

o passado de lado (principalmente seus erros) e pouco pensa no futuro. O tempo japonês está centrado no presente.

A obra *Tempo e espaço na cultura japonesa* possui uma linguagem extraordinária. Leveza e limpidez conceituais expressas por meio dos exemplos da poesia, história, música, não somente da contemporaneidade, mas ao longo da história da cultura japonesa. Ou seja, a leitura desta obra permite ao leitor um grande e longo passeio por uma das culturas mais tradicionais do planeta de forma a entender um pouco melhor o que significa o Ocidente e o Oriente, não como culturas inimigas, inferiores ou superiores, mas, sobretudo enquanto culturas complementares.